

UNIVERSIDADE TIRADENTES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA CECÍLIA VASCONCELOS ARAGÃO  
MYRLA MARIA ROCHA PEREIRA  
WILLIAM SOUZA SILVA

**O ABANDONO EMOCIONAL NA INFÂNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O  
DESENVOLVIMENTO DO APEGO**

ARACAJU  
2019

MARIA CECÍLIA VASCONCELOS ARAGÃO  
MYRLA MARIA ROCHA PEREIRA  
WILLIAM SOUZA SILVA

**O ABANDONO EMOCIONAL NA INFÂNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O  
DESENVOLVIMENTO DO APEGO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Tiradentes como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jamile Santana Teles Lima.

ARACAJU  
2019

MARIA CECÍLIA VASCONCELOS ARAGÃO  
MYRLA MARIA ROCHA PEREIRA  
WILLIAM SOUZA SILVA

**O ABANDONO EMOCIONAL NA INFÂNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O  
DESENVOLVIMENTO DO APEGO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Tiradentes como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jamile Santana Teles Lima.

Aracaju, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jamile Santana Teles Lima.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Socorro Sales Mariano.

---

MSc. Mozer de Miranda Ramos.

**PARECER**

---

---

---

---

---

Dedicamos este trabalho à nossa família,  
amigos e professores, que contribuíram  
imensamente para a nossa formação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me guiou e me deu forças desde o princípio para que fosse possível concluir este trabalho.

À minha família, especialmente aos meus pais, por toda a paciência e dedicação aos meus estudos durante todos esses anos, obrigada por serem os melhores pais que eu poderia ter.

Sou grata aos amigos da universidade por todo o apoio e contribuição, em especial a Maria Cecília e William, que estão comigo desde o início e nesse TCC não poderia ser diferente, obrigada pela parceria.

A todos os meus amigos que sempre me apoiaram e me incentivaram ao longo da minha jornada acadêmica.

Aos meus professores que me ajudaram e que levarei como exemplo para a minha trajetória profissional, especialmente a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jamile Santana Teles Lima, minha querida orientadora que contribuiu de forma grandiosa para este trabalho, obrigada pela dedicação e pelos ensinamentos.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram para a minha formação e fizeram parte dessa etapa tão importante e decisiva da minha vida.

Myrla Maria Rocha Pereira

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que sempre me guiou e à minha família que garantiu que eu chegasse até aqui, fornecendo educação, saúde e amor. Sem eles eu não teria conseguido.

Sou grata a todos os meus amigos pelo apoio de sempre, principalmente a Myrta e William que compuseram meu trio do TCC e foram tão parceiros assim como em todos os outros momentos, fazendo com que esta etapa fosse mais leve.

Agradeço também aos professores que passaram pela minha vida, das escolas à faculdade, auxiliando de alguma forma no meu crescimento individual e profissional. Em especial à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jamile Santana Teles Lima que foi nossa orientadora e contribuiu de muitas formas com sua sabedoria e profissionalismo, estando sempre disponível.

Não poderia deixar de agradecer a todos os profissionais e usuários do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Vida, onde estagiei por um ano e meio. Todos eles foram fundamentais, de alguma forma, no meu crescimento e guardarei um pouco de cada um em mim.

Por fim, os meus agradecimentos sinceros a todos que me auxiliaram a concluir esta fase tão importante na minha vida, sou muito grata a vocês.

Maria Cecília Vasconcelos Aragão

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, aos meus pais e amigos por todo o carinho, amor, apoio e força. Sou grato, especialmente, à minha mãe, que tanto me incentivou e lutou pela minha educação.

A Maria Cecília e a Myrlla por terem me acolhido logo na primeira semana de aula e por terem mergulhado comigo nesse TCC, sem vocês duas não teria chegado até aqui.

A Victor, por ser meu companheiro, meu muito obrigado por ser tão atencioso e por entender minha ausência em diferentes momentos.

Aos amigos que fiz ao longo dos anos no curso de Psicologia, em especial ao grupo “+ que amigos, friends”.

A todos os professores que contribuíram com a minha trajetória acadêmica, especialmente a minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jamile Santana Teles Lima, pela sua disponibilidade e por esclarecer tantas dúvidas, seu incentivo foi fundamental para realizar e prosseguir este estudo.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente neste momento tão importante na minha vida.

William Souza Silva

*“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas,  
mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra  
alma humana.”*

*(Carl Gustav Jung)*



## RESUMO

A figura de apego é uma tendência natural na qual a criança busca uma imagem privilegiada para garantir sua segurança e proteção. Dessa busca decorre a construção fundamental de um clima emocional seguro, mas quando o indivíduo vivencia situações traumáticas, como o abandono emocional, a tendência de seu psiquismo é responsabilizar a si próprio, além disso, as vivências sociais e familiares influenciam na sua formação e compõem características da sua personalidade ao longo do desenvolvimento. Dessa forma, este estudo buscou avaliar as vantagens e desvantagens do apego emocional vivenciado na infância. Trata-se de uma pesquisa exploratória do tipo audiovisual, por meio do documentário “O Começo da Vida” com análise qualitativa de dados. Foram levantados dados bibliográficos sobre os aspectos envolvidos no período da infância, a teoria do apego, a psicologia do desenvolvimento e o abandono emocional para, posteriormente, ocorrer a análise do conteúdo da série a partir do software Interface para Análises Multidimensional de Textos e Questionários (IRAMUTEQ). Após as análises, foi possível constatar as dificuldades que as famílias enfrentam ao conciliar o tempo de convívio com os filhos e a rotina de trabalho, bem como a importância de existir um suporte do meio social destinado ao cuidado das crianças. Ademais, observou-se que as mulheres são figuras de referência para suas famílias, uma vez que organizam as relações dentro de casa e as tarefas domésticas. A partir disso, foi levantada a hipótese de que o curto período da licença-maternidade prejudica o vínculo da mãe com o bebê, visto que muitas das vezes as mulheres precisam deixar de amamentar antes do período esperado. Este estudo também revelou que a infância é um período determinante no desenvolvimento da personalidade humana e identificou elementos ligados ao abandono emocional infantil e suas consequências, além de avaliar a necessidade de mais pesquisas e intervenções na área, uma vez que se trata de um tema de grande relevância social.

**Palavras-chave:** Família; Comunidade; Apego; Abandono; Infância.

## ABSTRACT

The attachment figure is a natural tendency where the child seeks a privileged image to ensure its safety and protection. The construction of a safe emotional climate between these is fundamental because when the individual experiences traumatic situations, such as emotional abandonment, the tendency of his psyche is to hold himself responsible, in addition, the social and familiar experiences influence the formation of the individual and build character traits throughout his development. Thus, this study sought to evaluate the advantages and disadvantages of emotional attachment experienced in childhood. This is an exploratory research of audiovisual type, through the documentary "The beginning of life "with qualitative data analysis. Bibliographical data were collected on the aspects involved in the period of childhood, attachment theory, developmental psychology and emotional abandonment, and later the analysis of the contents of the series via Interface software for Multidimensional Analysis of Texts and Questionnaires (IRaMuTeQ). It was possible to verify the difficulties that families face when reconciling the time of conviviality with the children, with the work routine, moreover, it shows the importance of social environment in the care of children by families. In addition, it was observed that women are references for their families, since they organize relationships in the house and the domestic chores. From this, it was verified that one of the main difficulties faced by mothers, coped with a short period of maternity leave, is when the bond with the baby is impaired, ever since in many cases women need to stop breastfeeding before estimated. It is concluded that the project in question made it possible to perceive the elements related to the issue of child abandonment and its consequences. In addition to assessing the importance of further research and interventions in this area, since they have great social relevance. Besides, it is necessary to intensify the valuation of childhood ever more as a determining period in the development of relationships and models of functioning of the human personality. Therefore, it is important to encourage the development of research in the field of emotional abandonment so that its consequences are more easily recognized and avoided.

**Keywords:** Family; Community; Attachment; Abandonment; Childhood.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Gráfico da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) do Documentário “O Começo da Vida” (2016).....	37
<b>Figura 2</b> – Nuvem de palavras referentes à categoria família do Documentário “O Começo da Vida” (2016).....	40
<b>Figura 3</b> – Similitude referente à categoria afeto do Documentário “O Começo da Vida” (2016).....	42

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 OBJETIVOS.....</b>	<b>15</b>
2.1 Objetivo geral.....	15
2.2 Objetivos específicos.....	15
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>16</b>
3.1 Aspectos da infância.....	16
3.2 Teoria do apego.....	17
3.3 Psicologia do desenvolvimento.....	21
3.4 Abandono emocional.....	25
<b>4 MÉTODOS.....</b>	<b>32</b>
4.1 Tipo de pesquisa.....	32
4.2 Critérios de inclusão e exclusão.....	32
4.3 Instrumentos.....	32
<b>4.3.1 Documentário.....</b>	<b>32</b>
<b>4.3.2 Sinopse.....</b>	<b>33</b>
4.4 Análise dos dados.....	33
4.5 Procedimentos.....	34
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>36</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O abandono pode ser considerado como o não cumprimento da lei e a negação dos direitos, assim, abandonar significa ignorar e não dar a atenção necessária aos direitos de alguém. O termo abandono emocional não se refere somente ao afeto dispensado aos filhos, mas também à ausência do dever moral da guarda, da educação, do sustento e dos cuidados que eles esperam de seus criadores (SOUSA, 2016).

A Psicologia, a Psiquiatria e outros campos apontam que a ausência dos cuidadores é um fator determinante para o comprometimento da saúde emocional dos filhos. Conforme a legislação, além do reconhecimento da maternidade e da paternidade, os genitores devem participar de todo o desenvolvimento de seus filhos, sendo sua ausência um elemento desencadeador da perda familiar. A criança necessita que haja convivência familiar para um desenvolvimento saudável e feliz e essa convivência é vista como um direito próprio da personalidade humana que deve ser respeitado e cumprido (LUCA; ZERBINI, 2015).

As novas configurações familiares relacionam-se às novas formas de cuidados à prole. O não cumprimento dos cuidados que a criança necessita caracteriza falta de atenção a ela e uma forma de negligência, que se enquadra como a violência mais notificada no Brasil, com a proporção de cinco notificações de negligência a cada cem crianças com idade menor que dez anos em 2010, de acordo com a Revista da Escola de Enfermagem da USP. Essa violência pode ser caracterizada também pelo desconhecimento das reais necessidades da criança e pela omissão de cuidados, sejam eles influenciados por elementos culturais, sociais ou econômicos (EGRY et al., 2015).

Mikulincer e Shaver (2007) afirmam que os modelos mentais criados na infância em relacionamentos com figuras de apego, como pais ou cuidadores, geram uma base para representações de apego ao longo da vida. Fraley (2002) também conclui que os padrões de apego desenvolvidos nas relações com as figuras parentais continuam a gerar influência em relacionamentos futuros, inclusive no que se refere à qualidade do novo vínculo afetivo. Assim, nos casos de abandono, o sujeito poderá apresentar dificuldades nas relações (MARTINEZ-ALVAREZ et al., 2014).

Essas características demonstram a necessidade de estudos acerca das questões emocionais do abandono, principalmente na infância, etapa na qual o indivíduo está em formação, o que gera diversos questionamentos, tendo como o principal para este estudo: o abandono emocional na infância trará, necessariamente, alguma consequência para o futuro da criança? Por esse motivo, buscou-se avaliar as vantagens e desvantagens do apego emocional na infância, além de investigar sobre o apego e o abandono emocional em crianças e seus contextos.

Apesar da defesa do direito à convivência familiar e comunitária de crianças e adolescentes vir ganhando destaque nas políticas sociais brasileiras a partir de 1988 com a reafirmação na Constituição Federal, é importante frisar que ainda existe muita dificuldade para encontrar estudos sobre o abandono infantil no Brasil e isso se dá pela grande ausência de registros e de domínio de documentos (RODRIGUES; HENNIGEN, 2014), principalmente sobre o abandono emocional, visto que a sociedade ainda prioriza as questões físicas e jurídicas, desconsiderando o lado afetivo. Logo, o aprofundamento desse lado torna-se essencial por perceber tamanho impacto e importância na vida das crianças.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Analisar a série documental “O começo da vida” para verificar as vantagens e desvantagens do apego emocional na infância.

### **2.2 Objetivos específicos**

2.2.1 Caracterizar as histórias de vida de crianças em contextos familiares funcionais e disfuncionais;

2.2.2 Identificar percepções e atitudes dos cuidadores sobre o apego e abandono emocional;

2.2.3 Levantar os tipos de apego em crianças;

2.2.4 Verificar o impacto do apego e abandono emocional em crianças.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 Aspectos da infância

O conceito de infância, mesmo sendo tão familiar nos tempos atuais, nem sempre existiu na civilização. No período medieval, por exemplo, não havia consciência da particularidade infantil, as crianças eram vistas como “miniadultos” em preparação para fase adulta. A noção de infância passou a ser construída historicamente no século XVII, firmando-se com a sociedade capitalista e a necessidade de formar e compreender as crianças enquanto seres sociais (BERNARTT, 2009).

No final do século XVIII e no decorrer do século XIX, tornou-se preocupação da sociedade a inserção das crianças no processo educativo quando o discurso a respeito da importância da educação infantil foi se concretizando. A partir disso, ocorreram mudanças na organização social à medida que a infância era compreendida como uma etapa da vida humana que deveria ser protegida. Assim, gradativamente, foram realizados investimentos no processo de educação das crianças, bem como a democratização do acesso às escolas (CRUZ; SARAT, 2016).

Ainda no século XIX no Brasil, o Departamento Nacional da Criança (DNCr) começou a desenvolver programas de proteção à maternidade e à infância. As ações voltadas para a saúde das crianças, que ocorreram na década de 1930 e 1940, se deram porque a preocupação com o adoecimento infantil deixou de ser exercida apenas por parte das entidades de caridade. Nesse momento as autoridades públicas e privadas passaram a investir nos cuidados com a saúde infantil por meio de ações e estratégias, como as educativas e de vigilância que tratavam da mulher em todo o ciclo gravídico-puerperal. Dessa forma, tais práticas tiveram como resultado a redução da taxa de mortalidade infantil e o surgimento de várias políticas públicas de saúde. Todo esse avanço no cuidado com a infância reflete na participação da criança em sociedade ao longo dos anos e relaciona-se com as mudanças das relações estabelecidas entre adultos e crianças (ARAÚJO et al., 2014).

Nos dias atuais se faz necessário também reconhecer e garantir que a criança seja protegida e feliz no momento presente. Para isso, essa felicidade não pode ser



vista apenas como conforto, diversão e ausência de problemas, mas como a melhoria dos relacionamentos em todos os contextos, pois independente do problema pelo qual a criança esteja passando, ela pode se sentir mais feliz quando se sentir amada (PRETTE; PRETTE, 2005).

Também surge para defender e garantir os direitos da infância e adolescência o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído no dia 13 de julho de 1990 pela Lei 8.069, que aplica medidas e é composto por normas do ordenamento jurídico do Brasil. O ECA é considerado um marco histórico, visto o tempo em que as crianças eram esquecidas pela sociedade; ele estabelece que a responsabilidade da criação é “tarefa de todos e responsabilidade de cada um” (BRASIL, 1990), começando com o apoio às famílias. Conforme o Estatuto, a infância tem duração até onze anos e onze meses, onde se inicia, aos doze, a adolescência.

Torna-se válido observar os aspectos no processo de inserção da criança na sociedade e o quanto os fatores sociais refletem na estruturação do desenvolvimento humano, levando em conta que as vivências influenciam na formação do indivíduo e os elementos resultantes dessa interação acabam formando características da personalidade do sujeito ao longo do seu amadurecimento etário (OLIVEIRA; TRANCOSO, 2014).

Há uma ampla quantidade de competências sociais que sustenta a elaboração de contatos harmoniosos, além disso, encontram-se diversos estudos que corroboram com essas competências e que se associam com indicadores de funcionamentos adaptativos. Nas expectativas futuras, são considerados como princípios de proteção para uma trajetória desenvolvimental eficaz, uma vez que aumentam a capacidade da criança para lidar com situações contradizentes, estressantes e com o modelo de apego que irão desenvolver em suas relações afetivas em geral (PRETTE; PRETTE, 2005).

### 3.2 Teoria do apego

Conforme Bowlby (1969/1984) em sua teoria denominada “Teoria do Apego”, existe uma tendência natural para a criança buscar uma figura privilegiada e aproximar-se dela, chamada figura de apego, a qual garante sua segurança e

proteção. Esse processo se estabelece durante o primeiro ano de vida do bebê, pelo desenvolvimento de um vínculo privilegiado com a figura que lhe presta cuidados.

O apego da criança pode ser definido como um laço afetivo, que se prolonga no tempo, que a criança estabelece com a figura de apego através das interações no cotidiano (KERNS; SCHLEGELMILCH; MORGAN; ABRAHAM, 2005; SOARES, 2007).

A forma como os sujeitos desenvolvem relações afetivas no início da infância afeta diretamente o tipo de apego que ele vai ter durante a vida. O rompimento de vínculos na infância, na adolescência e até na vida adulta, acarretam transformações nas imagens do *self* (BAKER, 2001), sendo assim, as figuras de apego da infância tornam-se decisivas na regulação emocional do indivíduo. Além disso, o apego não se dá somente em relações que geram sentimentos de prazer para o sujeito, existem crianças que se apegam a indivíduos abusivos, o que mostra que esses afetos se apresentam de diversas formas e em intensidades variadas (CASSIDY, 1999). A ausência de contato e de cuidado estão relacionados àqueles que possuem tendências a reagir impulsivamente e de forma agressiva na fase adulta (BARROSO, 2014).

É por meio do contato e da proximidade que se estabelece o relacionamento dos cuidadores com a criança, a partir disso, o vínculo é criado por meio da relação emocional e afetiva. Nas situações em que existe algum tipo de trauma ou ausência das figuras parentais, se desencadeiam diversas consequências que podem afetar o desenvolvimento das crianças que vivenciam tais experiências (CORTINA; MARRONE, 2003). Dentre eles, o que se refere ao avanço da linguagem e das capacidades sociais (AYRES et al., 2010).

Nessa perspectiva, o impacto das privações afetivas poderá provocar implicações no desenvolvimento da cognição (BARNETT, 1997; ALBORNOZ, 2006), poderá gerar quadros psicopatológicos graves como a depressão (JOHNSON; WHIFFFEN, 2012), a psicose, a personalidade antissocial (WINNICOTT, 1988), a estruturação da personalidade Borderline (OGATA et al., 1990; ALBORNOZ, 2006) e a delinquência (BOWLBY et al., 1939; WINNICOTT, 2012). Além dessas decorrências, Franco e Mazzorra (2007) expõem, ainda, que as vivências de perdas afetivas concebem nos sujeitos fantasias, como de aniquilamento, culpa, castração,

onipotência, rejeição, retaliação, idealização e desidealização do objeto perdido, além de agressividade e reparação e repetição da situação de perda.

Bowlby (1986/2003) ressalta que a experiência do apego infantil sobre o sujeito auxilia na sua capacidade de compor relações afetivas, seja na própria infância ou no decorrer do seu desenvolvimento, uma vez que essa relação representa grande importância para regulação do nível emocional (SROUFE, 2000, 2005).

De acordo com Brazelton e Sparrow (2003), a segunda infância é marcada pelo desenvolvimento da noção de realidade e do senso moral. Para Winnicott (1983), a relação que a criança possui com o mundo é de grande importância na nessa fase, pois é a etapa da vida em que o indivíduo alcança a independência emocional. Desse modo, adquire maior capacidade de compreensão no que diz respeito às situações que vivencia. Por isso é imprescindível que os adultos acompanhem o processo de amadurecimento da criança para evitar situações de vulnerabilidade emocional.

A vinculação afetiva que a criança forma no decorrer da vida está atrelada a esse desenvolvimento emocional, assim, quando o indivíduo vivencia situações de crise no ciclo de vida familiar com possíveis rompimentos de vínculos, tais vivências impactam diretamente o seu desenvolvimento (BRAZELTON, 2003; WINNICOTT, 1983). Na experiência de ter pais se separando, por exemplo, as crianças passam a ter sentimentos de confusão e culpabilidade, podendo sofrer alterações no desenvolvimento por conta do momento de crise, o que não significa necessariamente que serão consequências psicopatológicas (BRAZELTON; SPARROW, 2003). Dessa forma, é possível constatar que as emoções que o indivíduo vivencia se relacionam com o processo de formar, manter e romper relações afetivas (BRAZELTON, 2003; WINNICOTT, 1983).

Conforme Bowlby (1969/1990; 1973/1980) o comportamento do apego é um sistema complexo, que com o crescimento da criança abarca uma simbolização mental intitulada de “Modelo Interno de Funcionamento”. Essa, por sua vez, também intitulada de “*Working Models*”, submete a representações das práticas do sujeito ao longo da infância que são relacionadas às percepções, sendo elas de si mesmo, do meio ambiente e das figuras de apego.

Bowlby (1989) apresenta um exemplo a respeito de fornecer os modelos internos de funcionamento: uma criança constitui um esclarecimento interno de si mesma perante a criação, subsequentemente, se o afeto for de proteção, esse padrão internalizado a autoriza a confiar em si própria e tornar-se autônoma. Constata-se que cada sujeito figura um "projeto" interno de acordo com a presença de suas primeiras vivências com as figuras de apego (BRETHERTON; MUNHOLLAND, 1999).

Fonagy e Target (1997) insinuam que os *working models*, desenvolvidos nas primeiras relações sociais da criança, organizam, assim, o seu *self*. A partir disso, a criança pode compreender as atitudes de outros indivíduos e agir de diversas formas em contextos específicos. Assim como os cuidadores diferem na forma de interagir com as crianças, essas terão desenvolvimentos e observações do mundo paralelo a de seus cuidadores. Do mesmo modo, Ramires (2003) ressalta a importância da cognição social na formação do Modelo Interno de Funcionamento, que inclui o pensamento sobre o indivíduo, atribuindo à criança um papel construtivo no seu desenvolvimento como formador de pensamentos.

Somado a isso, Bowlby (1984, 1985) aponta que a personalidade dos indivíduos pode ser o reflexo da forma que seus modelos internos dinâmicos se relacionam com os esquemas precoces de apego, ou seja, são consequências que perduram até as relações na idade adulta.

Existem três padrões diferentes de apego na infância caracterizados por Ainsworth et al. (1978): apego seguro, em que os bebês respondem com choro, reclamam da ausência materna e comemoram em seu retorno, utilizando-a como base segura; o apego evitativo, em que raramente choram quando a genitora se ausenta e a evitam quando regressa, não apreciam ser pego no colo e apego inseguro no qual os bebês mostram-se ansiosos antes mesmo do distanciamento materno e perturbam-se em sua falta, em seu retorno, buscam contato com a genetriz, no entanto, ao mesmo tempo, ficam agitados, muitos apresentam conduta agressiva (PAPALIA, 2006).

Por fim, o quarto padrão de apego: apego desorganizado ou desorientado, identificado por Main e Hesse (1990), é composto por crianças que tiveram experiências negativas para o desenvolvimento infantil adaptado. Esse padrão de apego refere-se aos bebês que se esquivam da presença da mãe e buscam

proximidade com o estranho, pois não possuem recursos para lidar com estresse da “situação estranha”. Conforme Dalbem e Dell’aglio (2005) a criança conhece o território durante a ausência da progenitora e não fica assustada com o estranho, muitas vezes se divertindo, ocasionando na divergência de busca/evitação da mãe após a diversão.

Bowlby (1990) afirma que o apego seguro pode ser percebido quando a criança demonstra interesse nas brincadeiras, procura contato com a mãe após uma breve ausência e é amparada com facilidade, voltando a se envolver em suas brincadeiras. O apego inseguro esquivo pode ser notado quando o bebê, após uma curta separação da genetriz, evita se juntar a ela após a sua volta. Já o apego inseguro resistente é visto quando a criança certifica uma variação entre a busca de contato com sua mãe e a relutância ao contato.

Assim, as experiências vivenciadas pelo indivíduo, principalmente na infância, tornam-se grande influência sobre sua segurança e sua capacidade de manter relações. Os que se tornam seguros tendem a apresentar interações mais seguras: por não terem encontrado muitas dificuldades de relacionamento em sua vida estarão mais confortáveis para interagir com outros indivíduos; os inseguros-ansiosos tendem a se sentir melhor na ausência de pessoas. Já os inseguros-ambivalentes, diante de uma vivência emocional instável por seus cuidadores, estarão propensos à baixa autoestima e grandes dependências em futuros relacionamentos, visto que voltam a sua atenção para outras pessoas repetindo padrões anteriores (RODRIGUES; CHALHUB, 2009).

Outro aspecto que auxilia na formação da identidade é a relação romântica, que também contribui na adaptação do indivíduo a mudanças rotineiras que possam ocorrer nas suas demais relações (COLLINS; WELSH; FURMAN, 2009). Conforme Dulmen, Goncy, Haydon e Collins (2008), a vivência das relações românticas de forma segura na pré-adolescência pode tornar-se fator de bem-estar psicológico, colaborando para o desenvolvimento do indivíduo.

### 3.3 Psicologia do desenvolvimento

O desenvolvimento da criança ocorre em diversas etapas, no que tange ao desenvolvimento neuropsicológico infantil, o sistema nervoso (SNC) passa por um

processo de maturação devido à relação dinâmica que o sujeito possui com suas experiências no meio social, com a família e com o âmbito educacional. Durante todas as etapas do desenvolvimento, ocorrem algumas alterações nas funções e estruturas do SNC de acordo com a relação da atividade cerebral e o comportamento infantil (SALLES et al., 2014).

As funções executivas do cérebro estão diretamente relacionadas com as habilidades cognitivas necessárias para o comando das ações, pensamentos e emoções, tendo o seu desenvolvimento iniciado por volta dos 12 meses de idade em uma trajetória que vai até a adolescência ou a fase inicial da vida adulta, entretanto, é na infância que elas se desenvolvem mais rapidamente, sendo o período mais importante para essas funções. A habilidade de inibição surge mais efetivamente entre os 4 e 5 anos, que é o período em que as crianças passam a agir de maneira ponderada, ou seja, inibindo suas reações iniciais (BARROS; HAAZIN, 2013).

Também entre os 4 e 5 anos aparecem as habilidades de focalizar atenção, controlar emoções, recordar eventos deliberadamente e agir de maneira mais adequada se adaptando às regras sociais. Nesse período as crianças conseguem discernir o que devem fazer ou não e se sentem desconfortáveis com comportamentos transgressivos.

Levando em conta os aspectos biológicos das funções executivas, percebe-se que o córtex pré-frontal é a última região do cérebro a alcançar a maturação, mesmo sendo uma das principais estruturas neurológicas presentes no desenvolvimento. Ademais, o ambiente também contém relevância para o desenvolvimento das funções do ser, a exemplo do nível de interação entre crianças e seus cuidadores (DIAS; SEABRA, 2013).

Conforme Bock, Furtado e Teixeira (2006), Piaget (1971) desmembra as etapas do desenvolvimento humano em conformidade com o surgimento de novas capacidades do pensamento, o que, por sua vez, mexe no desenvolvimento global. Para ele, cada período é descrito por aquilo que de melhor o indivíduo é capaz de exercer nessas faixas etárias. Todos os sujeitos passam pelas fases descritas por Piaget, no entanto, o início e o término de cada uma delas variam de acordo com as características biológicas e de fatores educacionais e sociais. Portanto, a divisão nessas faixas etárias é uma referência e não um preceito rígido.

Piaget (1971) além de fazer a divisão das fases, mostrou como o sujeito se desenvolve na vida, nomeando quatro etapas essenciais: sensório motor (0 a 2 anos) na qual a vida mental fica limitada a prática dos aparelhos reflexos, de fundo hereditário, como, por exemplo, a sucção, sendo que esses reflexos se aperfeiçoam com a prática. Nesse estágio fica claro que o desenvolvimento físico veloz é a base para o surgimento de novas competências. Isto é, a evolução muscular, óssea e neurológica, que irão permitir o surgimento de novos comportamentos como sentar e andar, o que irá oferecer um controle maior do ambiente.

No decorrer desse período, ocorrerá uma diferenciação crescente entre o eu da criança e o mundo exterior, isso possibilita que o bebê por volta de 1 ano, admita que o objeto continue a existir mesmo quando ela não o percebe, em outras palavras, o objeto não está presente em seu campo de visão, mas ele continua a procurar ou a pedir o brinquedo que perdeu.

Durante o pré-operatório (2 a 7 anos), há o comparecimento da linguagem verbal, que irá ocasionar transformações nas questões intelectuais, sociais e afetivas, pois a criança terá a competência de relatar acontecimentos, representar situações já vividas ou futuras, além de interagir socialmente com ferramentas comunicativas mais esquematizadas. A criança transforma o real em função de seus desejos e fantasias (jogo simbólico), e, logo depois, utiliza-os como referencial para explicar o mundo real, a sua própria atividade, seu eu e suas leis morais (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2006).

O filósofo descreve que nas operações concretas (7 a 11 ou 12 anos) há o começo da construção lógica, que é a eficácia de designar relações que permitam o domínio de pontos de vista diversificados, esses podem referir-se a pessoas dessemelhantes ou ao próprio sujeito, que vê um objeto ou situação com aspectos diferentes e, mesmo assim, consegue coordenar tais pontos de vista e integrá-los de forma racional e coesa no plano afetivo. Além de ser capaz de colaborar com os outros, trabalhar em grupo e ao mesmo tempo ter autonomia.

A cooperação é uma capacidade que vai se desenvolvendo ao longo dessa fase e será um componente simplificador de um trabalho em equipe, que se torna cada vez mais atraente para a criança, pois ela passa a preparar formas próprias de composição grupal, nas quais as regras e normas são concebidas como válidas e verídicas, desde que todos as adotem e sejam a expressão de uma vontade coletiva.

Por fim, há as operações formais (11 a 12 anos em diante) quando o adolescente compreende progressivamente a capacidade de abstrair e generalizar, de gerar ideias sobre o mundo, especialmente sobre os aspectos que gostaria de reorganizar.

Outro ponto que merece destaque no desenvolvimento infantil é a personalidade, considerando que o pilar para a construção da personalidade de um sujeito está na família. Piaget (1971) reconhece que a afetividade se correlaciona de forma motivadora com a atividade cognitiva, assim, constata-se que é através dos afetos que se constitui a identificação com outras pessoas, o desenvolvimento das relações e da maneira que iremos enxergar determinadas situações.

Por esse motivo, uma criança carente de afeição conseqüentemente pode ter dificuldades para se relacionar em sua vida com outras pessoas, pois o afeto é a base para o desenvolvimento de sentimentos essenciais para uma boa convivência em grupo, como os sentimentos de compreensão e amor (REGINATTO, 2013).

As figuras familiares que proporcionam carinho, segurança e conforto emocional possuem um papel de extrema importância na formação da estabilidade emocional saudável na infância, pois daí surge o aprimoramento das habilidades de autocuidado na personalidade diante de situações estressantes. O mesmo serve para o contrário, crianças que vivenciam situações de negligência emocional podem desenvolver sequelas psicológicas que colaboram para o surgimento de comportamentos psicopatológicos ao longo de sua vida.

Como, por exemplo, o indivíduo está na fase de desenvolver as noções de aceitação e pertencimento, mas possui uma estrutura familiar fria e abusadora que falha no suporte afetivo, esse sujeito está propenso a desenvolver padrões de privação emocional e isolamento social por não acreditar que suas necessidades básicas de cuidado e proteção serão atendidas. Outrossim, quando a criança vivencia abusos nos primeiros anos de vida no âmbito familiar, sejam eles físicos, sexuais ou psicológicos, aumenta-se o risco dela desenvolver características dos transtornos de depressão e ansiedade, além de traços de agressão e impulsividade na personalidade, fatos que fomentam a importância da estrutura familiar no desenvolvimento emocional e na formação da personalidade do ser (WAINER; PAIM; ERDOS; ANDRIOLA, 2016).



### 3.4 Abandono emocional

A família entre os séculos XV e XIX era tida como uma instituição vital para a vida social, isto é, quem não fazia parte de uma, não sobrevivia socialmente, sendo desconsiderado, malvisto pela sociedade. A família, sendo fundamental, era vista como uma qualidade coerente à ideia de importância social (DA MATTA, 1987, p. 125 apud ALVES, 2009, p. 2). Além disso, era dever do provedor da casa cuidar da manutenção da riqueza, das terras e dos bens, sendo atrelado com as funções da esposa de procriação, de cuidar da saúde dos filhos e do esposo, além de zelar pela felicidade da família (CUNHA, 2017).

De acordo com Sequeira (2007) a figura paterna na família no século XIX era de grande importância, uma vez que a sua superioridade era incontestável, do mesmo modo que possuía o poder de tomar as decisões que envolvessem a sua família e os bens. Os papéis sociais eram estabelecidos com pouca flexibilidade, assim as mulheres eram submissas ao marido, além de serem consideradas sentimentais e sem poder de fala.

Com a Revolução Industrial, marco histórico do século XIX, diversas pessoas se locomoveram da zona rural para a urbana, surgindo assim o controle de natalidade. Além disso, pela pouca mão-de-obra, as famílias passaram a ter menos filhos acarretando uma maior aproximação entre eles, o que propiciou o surgimento da afetividade familiar (DEMENECH, 2013).

Ao longo do século XX houve a entrada da mulher no mercado de trabalho por meio de movimentos sociais que se constituíram por diversas razões, tais como: necessidades econômicas, movimentos feministas e mudanças de padrões de comportamento relativos ao papel social da mulher. As mulheres passaram a ocupar espaços tidos como tipicamente masculinos e conquistaram o direito ao voto (CABRAL, 1999). Essas mudanças quebraram o padrão de família nuclear. Constata-se aqui por família nuclear aquela que é constituída apenas por pai, mãe e filhos (GIRALDI; WAIDEMAN, 2007).

As mudanças provocaram uma diminuição na rigidez da relação entre a mulher e a maternidade que se contradiz com a afirmação de Winnicott (1993) sobre o período a partir do final da gestação até os primeiros meses do bebê ser um estado de “preocupação materna primária”, acarretando o aumento da sensibilidade

para desenvolver as funções necessárias para seu filho. Todavia, nem todas poderão desenvolver de forma satisfatória, algumas podem sofrer dificuldades, indo contra a idealização de maternidade construída pela sociedade (CORRÊA; SERRALHA, 2015).

Existe um tipo de abandono materno, por exemplo, que ocorre no momento da amamentação, ato fisiológico de todos os mamíferos. Após a Segunda Guerra Mundial pôde-se verificar pelo Registro do Aleitamento Materno que houve cerca de 31% de abandono da amamentação durante os primeiros seis meses de vida do bebê devido a diversos fatores, tais como a emancipação da mulher, o crescimento da industrialização e dos leites em fórmula (DIAS; MONTEIRO; OLIVEIRA; GUEDES; GODINHO; ALEXANDRINO, 2013).

Além disso, existe uma grande quantidade de mães que não conseguem amamentar e os fatores para que isso ocorra podem estar relacionados à própria mãe, ao bebê e ao meio ambiente, ocasionando o desmame precoce, que se torna uma perda principalmente para o bebê na fase em que ele necessita apenas do leite materno para seu desenvolvimento e para o vínculo na relação mãe-filho (MOURA; FLORENTINO; BEZERRA, 2015).

Para Giddens (2009), houve também uma variação nos modelos de família e uniões no decorrer século XX, uma transformação dos tipos de família que cada vez mais se tornam diferentes do modelo ocidental composto por “pai, mãe e filhos”. Segundo o autor, em diversas nações progressistas, as relações de intimidade tornaram-se menos presas aos costumes, principalmente após a década de 60. Além disso, ocorreu também uma associação de fatores de maneira globalizada, tais como: aumento das taxas de divórcios; recasamentos e pessoas vivendo sozinhas. Condições que aparentam contestar o conceito de uma estrutura familiar.

Consoante apresenta Alves (2009) em meados do século XX, houve um aumento considerável no número de divórcios e separações por conta de uma grande demanda de entrada da mulher para o mercado de trabalho. Nessa mesma época, a religião perdeu força, e com base nisso, surgiram modelos alternativos de famílias, tais como: casamentos com parceiros distintos e filhos de diferentes uniões; surgimento das “produções independentes”; e um novo olhar da sociedade para a adoção tanto para casais homossexuais quanto para heterossexuais.

Para Schettini, Amazonas e Dias (2006) a sociedade atual tem aumentado de forma gradual a discussão no que se refere à adoção, o que tem colaborado sistematicamente para a “normalização da família adotiva”. Para os autores, se outrora a adoção era um desvio do modelo biológico de constituição de um núcleo familiar, nos dias atuais, é vista como uma forma clara de parentalidade e filiação e isso demonstra uma possibilidade de desenvolver vínculos tendo como base o afeto, para além do elo consanguíneo.

Nos dias de hoje, o dever de proteger os modelos familiares definidos pela sociedade cabe a cada integrante da família (WEISHAUPT; SARTORI, 2014). Conforme o parágrafo 8º do art. 226 da Constituição Federal Brasileira: “O Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações” (BRASIL, 1988).

Alguma alteração que ocorra na relação entre os cuidadores pode influenciar nos comportamentos parentais e fazer com que eles se tornem menos disponíveis para seus filhos, como ocorre no divórcio, principalmente nos primeiros anos da separação. As mães, após a separação, costumam realizar práticas parentais mais disfuncionais, essas adquirem posições mais críticas e menos afetuosas (SIMÕES; FARATE; SOARES; DUARTE, 2013).

Existem também casos de abandono à criança por pais que vivem juntos, tratando-se da falta de atenção, falta de carinho, dentre outros que venham a causar transtornos ao menor (LUCA; ZERBINI, 2015). Como assinala Moraes (2002 apud GUILHERMANO, 2012), no futuro, estes menores podem exibir problemas psicológicos, dentre eles a incapacidade de adaptar-se aos ambientes sociais, depressão, transtornos de identidade, consumo de álcool e drogas, entre outros. Além disso, casos em que ocorrem conflitos parentais também alteram o funcionamento familiar provocando consequências nos menores ligados aos conflitos, aumentando as negatividades nas interações (MELO; MOTA, 2014).

A partir da configuração familiar e de acordo com Darnall (1997), pode ocorrer a Alienação Parental, definida como um agrupamento de comportamentos, conscientes ou não, que podem causar uma desordem no vínculo entre o filho e um dos genitores. Definição que vai ao encontro do artigo 2º da Lei nº 12.318/2010 que conceitua o ato de Alienação Parental como interferência na construção psicológica

do menor de idade causada por um dos genitores ou por outras pessoas que tenham soberania sobre a criança ou adolescente, para que repulse o outro genitor ou ainda para que seja arruinado o estabelecimento de vínculos entre eles (BRASIL, 2010).

Fonseca (2006) destaca que essa alienação pode desenrolar-se ao longo dos anos, provocando graves consequências de ordem comportamental e psicológica, no entanto, pode ser superada quando o menor em questão adquire certa autonomia do genitor alienador, possibilitando a ele pensar sobre o afastamento que lhe foi determinado.

De acordo com a autora, quando ocorre a separação dos cônjuges, a tutela do menor é dada a um dos genitores, mas é permitido que o genitor privado da guarda possua o direito de envolver-se no crescimento e na educação da criança ou adolescente. Sendo que o objetivo desse direito é assegurar que aconteça um contato entre o filho e o genitor não guardião, mantendo o vínculo parental.

No entanto, situações são postas para que as visitas não sejam efetuadas, como por exemplo: adoecimentos inexistentes e aparecimento de afazeres de última hora, acontecimentos “por inconcebível egoísmo, fruto exclusivo da animosidade que ainda reina entre os ex-consortes, sendo certo que, sem qualquer pejo de tais espúrios sentimentos, a criança é transformada em instrumento de vingança” (FONSECA, 2006, p. 163).

Para Góis (2010), o genitor alienador irá proceder com algumas características particulares, como, por exemplo, iniciar a redução do contato do filho com o genitor alienado, de maneira que esse desligamento complique a harmonia entre o filho com a família do genitor alienado, incluindo primos, tios, avós e todo círculo de amizades que está de modo direto ligado com o(a) ex-companheiro(a).

A família auxilia no desenvolvimento do indivíduo incluindo a formação da sua personalidade, por isso um rompimento de vínculo familiar ou um abandono afetivo pode impactar diretamente a maneira como ele vai lidar com os outros e seu psicológico, influenciando negativamente na formação da sua identidade (WEISHAUPT; SARTORI, 2014).

Segundo Schor (2016), quando se tem figuras paternas que agem de maneira fria e indiferente afetivamente com a criança, ela está sendo submetida a uma situação em que não possui referências confiáveis de afeto em suas percepções. Desse modo, a criança costuma ter dificuldades para desenvolver uma visão

detalhada e realista de seu próprio mundo. É como se o indivíduo não soubesse diferenciar aspectos do seu mundo interno e externo, o que é fantasia e o que é real ou o que é consequência da situação desarmoniosa causada pelos cuidadores nos primeiros anos de vida.

A construção de um clima emocional seguro e confiável é fundamental, pois quando o indivíduo vivencia uma situação traumática, como o abandono emocional, a tendência de seu psiquismo é responsabilizar a si próprio. Devido a essa culpabilização, o sujeito pode passar a odiar a si mesmo, pois não se sentia amado e aceito pelas figuras parentais diante do vazio interno em decorrência do desamparo (SCHOR, 2016).

Quando a duração dessas experiências suplanta a capacidade do indivíduo de sentir raiva, ele acaba por se conformar. Vale lembrar que as experiências emocionais de intensa privação tornam difusas as fronteiras e não é mais possível saber o que é eu e o que não é eu. Sem falar que é sempre menos doloroso acreditar que a culpa pela violência e pela privação é minha do que me ver completamente à mercê de um mundo cruel e arbitrário (ARAÚJO, 2014, p.109).

Há uma grande possibilidade de que a criança atribua a causa do abandono à sua própria natureza porque é preferível para ela ser mal, mas potente, a ser fraca e desamparada.

Winnicott (1958) explica que a forma como o sujeito conquista a capacidade de estar só se relaciona com a confiança adquirida na presença dos agentes de cuidado primordiais, quando o bebê depende da disponibilidade de um adulto que o proporcione uma atmosfera saudável. Isso se dá pelo fato de que todos os indivíduos ao nascer tendem para um processo de amadurecimento e para isso necessitam de um ambiente facilitador.

Em relação ao desenvolvimento infantil, Winnicott (1988) aponta três etapas bastante significativas: dependência absoluta, dependência relativa e independência. A dependência absoluta é marcada pela relação simbiótica entre mãe e filho, que se estende do nascimento até aproximadamente o quarto mês de vida. Durante esse período, quanto mais a mãe for compreensiva no que diz respeito às necessidades de seu filho, melhor será o seu desenvolvimento. Na dependência relativa o *self* está mais desenvolvido assim como o ego mais fortalecido, até o momento que se dirige a etapa da independência, na qual, gradativamente, os cuidados maternos vão diminuindo.

A responsabilidade da criança continua sendo vista como obrigação materna, conforme os resultados da pesquisa do artigo “Narrativas interativas na investigação do imaginário coletivo de enfermeiras obstétricas sobre o cuidado materno” em 2011. Relacionam-se à idealização da maternidade e da fascinação pelo bebê logo após o seu nascimento. Apesar da maior prevalência do abandono paterno, existem casos de abandono por parte das mães (GRANATO; AIELLO-VAISBERG, 2013).

A mãe que descumpra algum dever relacionado ao cuidado pode ocasionar problemas ao desenvolvimento emocional da criança, que depende de um ambiente adequado para conseguir desenvolver suas potencialidades físicas, sociais e psicológicas de forma sadia e natural. Quando isso não acontece, o resultado pode ser um adulto que carrega de maneira latente recordações desastrosas, sendo capaz até de ter a personalidade corrompida (WINNICOTT, 1988).

Desta mesma forma também ocorre com o abandono paterno, os pais são responsáveis não só pela assistência material, mas também afetiva, tendo ou não a guarda do seu filho. Entretanto, ocorre que, sem a intenção de prejudicá-lo, afastam-se afetivamente cumprindo apenas suas obrigações alimentares ou financeiras muitas vezes por negligência e omissão afetiva, resultando em reflexos sociais negativos (WEISHAUPT; SARTORI, 2014).

Somado a isso, Bowlby (2002) salienta que quando o cuidador não oferece os cuidados à criança com afetividade, ela vivencia uma privação parcial. Assim, tal privação pode causar excessivas exigências de amor, sentimentos de aflição e vingança, subsequentes de culpa e depressão, que podem variar de acordo com a intensidade e o grau de privação.

Além das consequências psicológicas apresentadas, a negligência nas funções maternas e paternas pode resultar também em consequências físicas, como as mudanças no apetite e conseqüentemente a perda ou aumento de peso. Os problemas emocionais podem também refletir no sistema imunológico e fazer com que a criança desenvolva problemas psicossomáticos como náuseas, constipação, dores de estômago e cabeça (BIANCHESSI, 2013).

É possível observar que o sentimento do afeto é essencial nas relações, principalmente no âmbito familiar (LUCA; ZERBINI, 2015). Compreende-se que o desenvolvimento pleno e saudável das crianças é facilitado pela participação dos familiares ou seus cuidadores, lhes oferecendo apoio e segurança (BERTHOUD,

2003). Diante do exposto, percebe-se o impacto que o abandono emocional na infância pode provocar na vida do sujeito, seja de natureza psicológica e/ou física, além de ser perceptível também a importância de compreender o desenvolvimento infantil, muitas vezes, como fator determinante nos modelos de relações afetivas que o indivíduo desenvolve em sua vida.

## **4 MÉTODOS**

### 4.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa exploratória do tipo audiovisual, com análise qualitativa de dados, uma vez que aborda as questões subjetivas à medida que explica a dinâmica das relações sociais, sem a preocupação do uso de análise de dados métricos.

A pesquisa qualitativa visa à compreensão do fenômeno em sua totalidade levando em conta o contexto em que o objeto observado está inserido e lida com aspectos da realidade que não podem ser quantificados (MINAYO, 2017).

### 4.2 Critérios de inclusão e exclusão

Um dos critérios de inclusão utilizados para a escolha do episódio da série documental baseou-se no fato de ser um conteúdo atualizado, realizado nos últimos cinco anos, que abordou o tema, cumprindo com o objetivo de analisar a série documental por meio da verificação das vantagens e desvantagens do apego emocional na infância, além disso, levou-se em consideração também a presença de relatos pessoais, baseados em fatos reais.

Foram excluídos materiais desatualizados que não estiveram dentro do período dos últimos cinco anos e que não abordaram os objetivos propostos pelo trabalho.

### 4.3 Instrumentos

#### **4.3.1 Documentário**

O documentário pode ser definido como um filme que representa parcialmente a realidade, tendo como uma das características principais a evidência da relação do documentarista com o tema trabalhado, já que é o resultado do seu processo criativo. Inicialmente, esse gênero cinematográfico não possuía grandes públicos, pois estava mais atrelado à marginalidade. Entretanto, a partir do século XXI, essa



condição foi sendo modificada devido à popularidade, o que gerou um aumento na produção de documentários no mercado e também nas plateias.

Atualmente, a variação presente nas temáticas aumenta com frequência, bem como a participação dos documentários em festivais de cinema e na concorrência a prêmios reconhecidos internacionalmente (RODRIGUES, 2010).

#### **4.3.2 Sinopse**

O Documentário escolhido foi “O Começo Da Vida” dirigido por Estela Renner no ano de 2016. Possui formato de série e contém seis episódios, cada um aborda um tema diferente como: família, afetividade, diversidade, representatividade, neuropsicologia, maternidade, estímulos e brincadeiras, tendo como tema em comum a infância.

Estela Renner propõe demonstrar como os relacionamentos auxiliam no desenvolvimento do bebê no momento de formação e criação a partir de uma análise da vida de crianças desde os primeiros dias de vida. Retrata que um dos maiores avanços da neurociência é a descoberta de que os bebês são muito mais que uma carga genética, pois durante o desenvolvimento humano ocorre uma junção da genética com as relações que cada indivíduo desenvolve, levando em conta o ambiente em que está inserido socialmente.

“O Começo da Vida” proporciona uma reflexão para mudanças na sociedade, em relação à importância dada aos primeiros anos de vida. Para este trabalho, foi escolhido o episódio cinco, “Criando Junto” que se refere à importância da família e do meio social no contato e na criação do bebê, principalmente nos primeiros meses de vida para um desenvolvimento saudável.

#### **4.4 Análise dos dados**

A utilização de *softwares* específicos para a exploração de elementos textuais tem se tornado cada vez mais recorrente em pesquisas na área de Ciências Humanas e Sociais, principalmente nos estudos em que o *corpus* a ser verificado é extenso (CHARTIER; MEUNIER, 2011; LAHLOU, 2012; NASCIMENTO; MEANDRO, 2006).

O Interface para Análise Multidimensional de Textos e Questionários (IRAMUTEQ) é um *software* grátis e elaborado sob a lógica da *open source*, licenciado por *General Public License (GPL)*. Ele se baseia no meio estatístico do *software* R e na linguagem *python* e propicia diversas representações de análise de dados textuais, desde aquelas bem comuns, como a lexicografia básica (cálculo de frequência de palavras) até análises multivariadas (classificação hierárquica descendente, análises de similitude) (CAMARGO; JUSTO, 2013).

#### 4.5 Procedimentos

Esse Trabalho de Conclusão de Curso teve como primeira fase o projeto realizado durante o segundo semestre de 2018 sob orientação da professora Marлизete Maldonado Vargas e foi devidamente iniciado em fevereiro de 2019 com orientações semanais pela professora Jamile Teles, tendo como início a produção da fundamentação teórica.

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico pelas plataformas digitais: Periódicos Eletrônicos em Psicologia - PePSIC e Scientific Electronic Library Online - SciELO, com levantamento de dados recentes (artigos publicados entre os períodos de 2013 a 2019, com exceção de informações retiradas de obras clássicas), para realização da fundamentação teórica e melhor conhecimento do tema e das suas problemáticas.

Os descritores utilizados para esta pesquisa foram abandono emocional, abandono infantil, abandono materno, abandono paterno, teoria do apego, neuropsicologia, histórico sobre a infância, alienação parental e configuração familiar.

Em abril do mesmo ano, foram estabelecidos os objetivos gerais e específicos. Posteriormente, foi realizada a busca do material que serviria como objeto de análise para a pesquisa, nesse caso, foi selecionado o documentário “O começo da vida”. A partir disso, foram analisados todos os seis episódios da série documental com a finalidade de selecionar qual deles seguiria os critérios de inclusão citados nos objetivos que contemplam o tema.

Dessa forma, foi selecionado o episódio cinco (“Criando Junto”), do qual foi executada uma análise a partir do comparativo com o levantamento bibliográfico,

além da sua transcrição a fim de efetuar a verificação dos dados por meio do *software* IRAMUTEQ que permite diferentes processamentos e análises estatísticas de textos produzidos.

Para a computação de dados foram utilizadas as seguintes análises: classificação hierárquica descendente que é baseada na proximidade textual e na ideia que palavras usadas em contexto similar estão associadas; nuvem de palavras que ocorre por meio da análise de um conjunto de termos agrupados, organizados e estruturados em forma de nuvem, sendo que nessa análise as palavras são expostas de tamanhos desiguais, isto é, as palavras maiores são aquelas que portam maior destaque no *corpus* textual e as menores tidas como aquelas que detêm menor importância, a partir do indicador de frequência ou outro escore estatístico adotado; e similitude, que possibilita um grafo que demonstra a associação entre palavras do *corpus* textual, sendo viável entender a construção do texto e os temas de relevância, a partir da ocorrência por meio das palavras (SALVIATI, 2017).

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

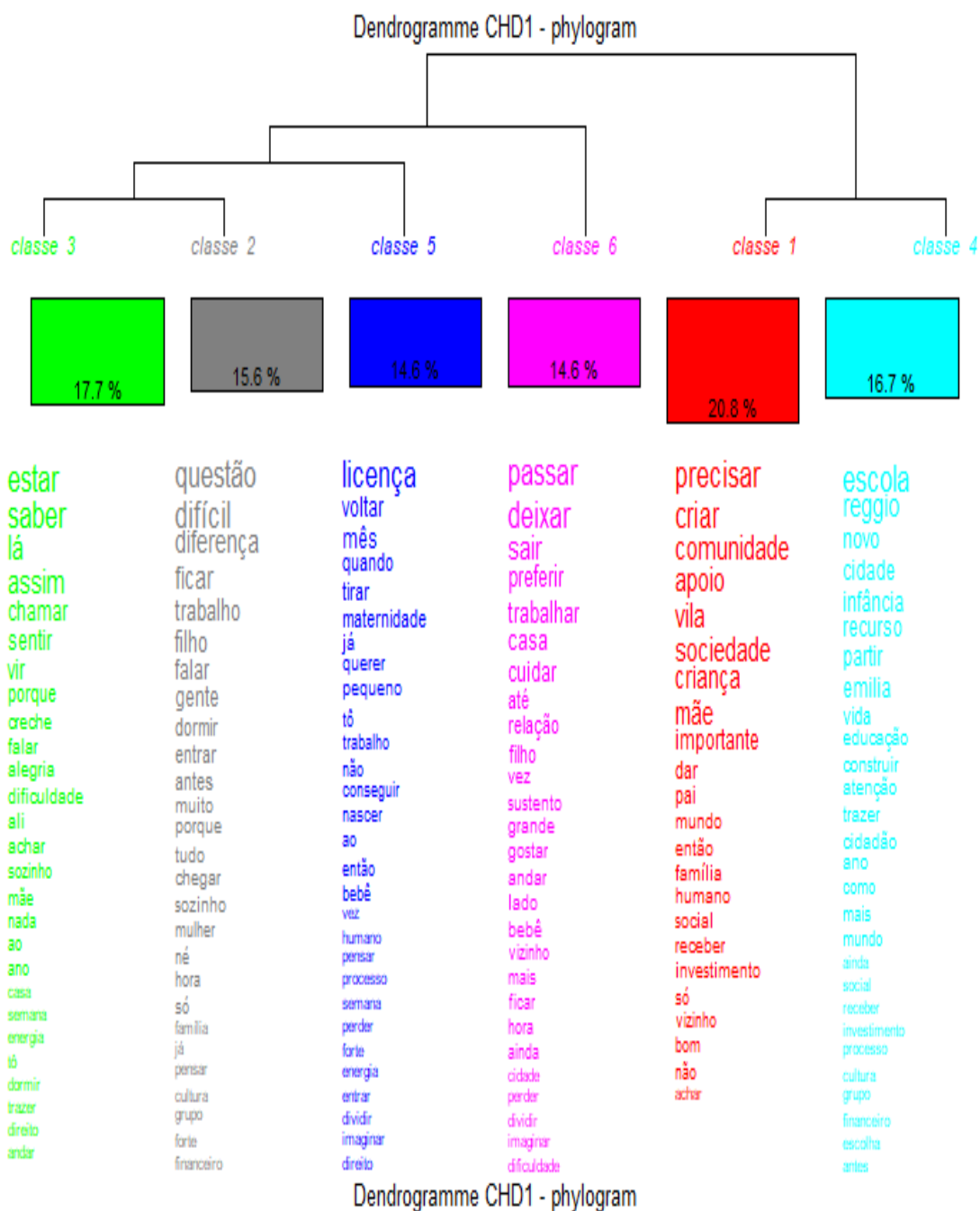
O episódio cinco “Criando Junto” do documentário “O começo da Vida” (2016) mostra entrevistas com diferentes especialistas, dentre eles: Vera Cordeiro - Fundadora do Saúde Criança; Joan Lombardi - Especialista em Desenvolvimento Infantil; Silvana Rabello - Psicanalista; Raffi Cavoukian - Fundador do Centro Honrar a Criança; Saul Cypel - Pediatra; Vera Iaconelli - Psicanalista; Manda Gillespie - Pesquisadora; James J. Heckman - Professor de Economia; Viviane D’almeida - Ativista de Direitos Humanos; José Martins Filho - Pediatra; Severino Antônio - Educador e Escritor; Vea Vecchi - Atelierista de Reggio Emilia; Claudia Giudici - Presidente da Reggio Children; Luca Vecchi - Prefeito de Reggio Emilia; Stanislav Grof, M.D. - Psiquiatra; Lucy Sullivan - Diretora Executiva do Programa 1.000 Dias e histórias de famílias das mais diversas culturas e classes sociais em países como Espanha, Estados Unidos, Brasil e Índia.

Dentre essas histórias, há como exemplo a de s1 brasileira, casada, com dois filhos, que relata a importância de estar a todo tempo presente nos momentos de brincadeiras com eles.

A segunda família, s2, que reside na Espanha, separada, com dois filhos e que precisou optar por trabalhar à noite para cuidar sozinha dos filhos durante o dia. Tem a estadunidense, com dois filhos e que expõe a dificuldade em se adaptar como mãe sozinha. Além dessas histórias, o episódio apresenta também a de um casal brasileiro, que o pai optou por diminuir o ritmo de trabalho para acompanhar de perto o desenvolvimento dos filhos.

Nesse episódio, há ainda o relato de quatro outras famílias: um casal indiano, com uma filha e que descreve como é feita a divisão das funções de cuidar da casa e da filha. Uma brasileira, casada, com oito filhos e que conta sobre o sacrifício de sustentar a casa sozinha. Um casal brasileiro, com um filho, que expõe a dificuldade em deixá-lo com a babá e um casal brasileiro, com dois filhos, que conta sobre a importância de ter o apoio de outras mães.

**Figura 1** – Gráfico da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) do Documentário “O Começo da Vida” (2016).



Fonte: autoria própria.

A partir da **Figura 1**, constatou-se que a classe 1 aparece como descritor em evidência “comunidade”, que se refere à família que precisa do suporte do meio social no cuidado destinado às crianças, esse apoio se dá por meio de ajudas fornecidas por vizinhos e outras pessoas que moram nas proximidades em que a família vive.

A classe 2 descreve as dificuldades em conciliar o trabalho com o tempo de convívio diário com o filho, pois muitos cuidadores acabam tendo uma rotina sobrecarregada e chegam tarde em casa, geralmente próximo do horário de a criança se preparar para dormir, o que pode comprometer a convivência. A situação se torna ainda mais difícil quando a família tem dificuldades financeiras e não há muito o que fazer para modificar esse quadro de horários, já que precisam do dinheiro.

As classes 3 e 2 trazem relatos que se relacionam, pois na primeira é retratada a necessidade que muitas famílias possuem de deixar seus filhos em creches. Essa necessidade surge pela situação descrita na classe 2, que é justamente o fato dos responsáveis não conseguirem se dedicar a uma rotina de cuidados destinados aos filhos por conta do tempo que ficam no trabalho. Em relação às creches, nota-se a dificuldade relatada pelas mães em conseguir vagas, pois a fila de espera geralmente é grande, como pode ser observado na fala abaixo:

Eu escutava assim, colegas, pessoas falando “ah, creche é muito difícil” e realmente é um absurdo. O Davi acho que ele nem tinha uma semana de vida ainda, fui lá com certidão e fiz a inscrição na creche. Falei “ah meu Deus”, ele nasceu em setembro, falei “ah, até o ano que vem chama né?”, quem disse? Nada de chamar essa criança, nada, nada. Fui ao conselho tutelar procurar saber o que eu podia fazer. Eu preciso de uma creche, tenho que começar a trabalhar. (Fala do S1).

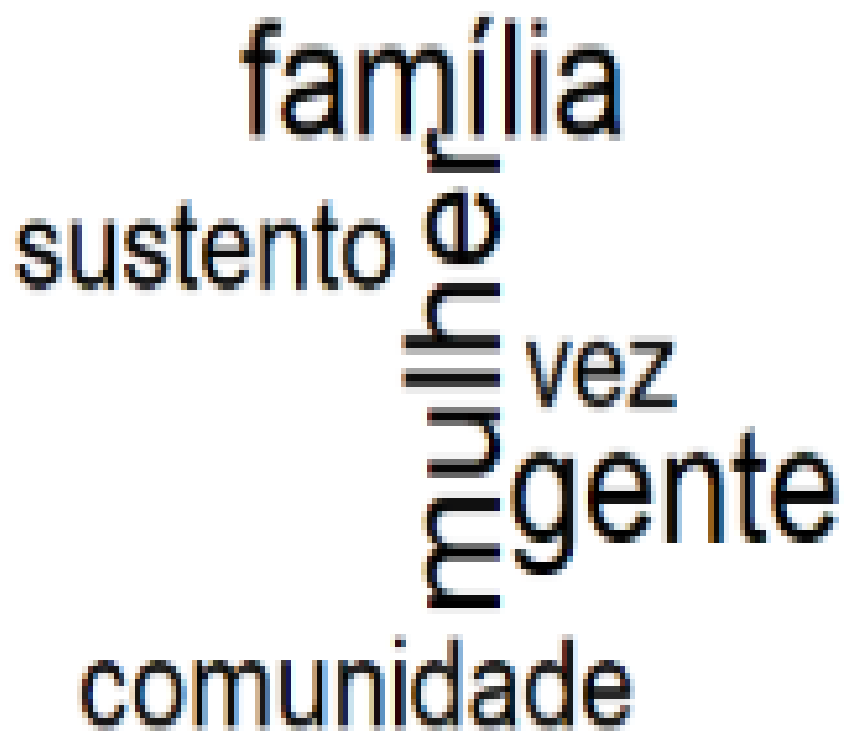
A classe 4 remete ao relato do funcionamento da cidade de Reggio Emilia, localizada na Itália, no que diz respeito à valorização de escolas que possuem uma atenção especial voltada para o período da infância, tratando as crianças como cidadãos do presente e não só do futuro, ou seja, ressaltando a importância de valorizar esse estágio inicial da vida humana. O sistema de Reggio se destaca por considerar potencialidades emocionais, sociais, morais e intelectuais das crianças de maneira cuidadosa, sendo umas das experiências de educação infantil mais bem-sucedidas dos últimos anos (BUJES, 2008).

A classe 5 se refere às questões envolvidas na licença a maternidade e no quanto as famílias sentem dificuldade nesse período que, na maioria das vezes, é curto e as mães se sentem cansadas para retornar a rotina de trabalho. Além disso, há o desmame precoce que ocorre justamente quando o tempo de licença não é o suficiente, diante desse cenário, as mães se vêem obrigadas a iniciar a alimentação complementar do bebê antes do que pretendiam, pois não possuem o tempo necessário para o processo de amamentação.

Outra questão destacada é que nesse período o bebê ainda é bastante frágil, isso desperta nas mães um sentimento de não querer voltar a trabalhar, pois o filho ainda precisa dos seus cuidados, da amamentação e elas não querem perder essa vivência tão cedo nem comprometer o vínculo. Por fim, a classe 6 que se assemelha com a classe 1 e 2, pois também demonstra falas relacionadas às dificuldades que os cuidadores enfrentam diante da necessidade de passar o dia trabalhando para sustentar a família, o que conseqüentemente compromete o tempo que seria destinado a cuidar dos filhos diariamente.

Além disso, é possível observar que as classes 1 e 4 estão diretamente interligadas, pois como é demonstrado na classe 1, o apoio da comunidade é essencial para muitas famílias no que diz respeito aos cuidados dos seus filhos. Na classe 4, tal afirmação é reforçada no exemplo do modelo educativo da escola de Reggio Emilia onde a educação parte de uma visão expansiva para além da sala de aula, valorizando as habilidades individuais das crianças.

**Figura 2** – Nuvem de palavras referentes à categoria família do Documentário “O Começo da Vida” (2016).



Fonte: autoria própria.

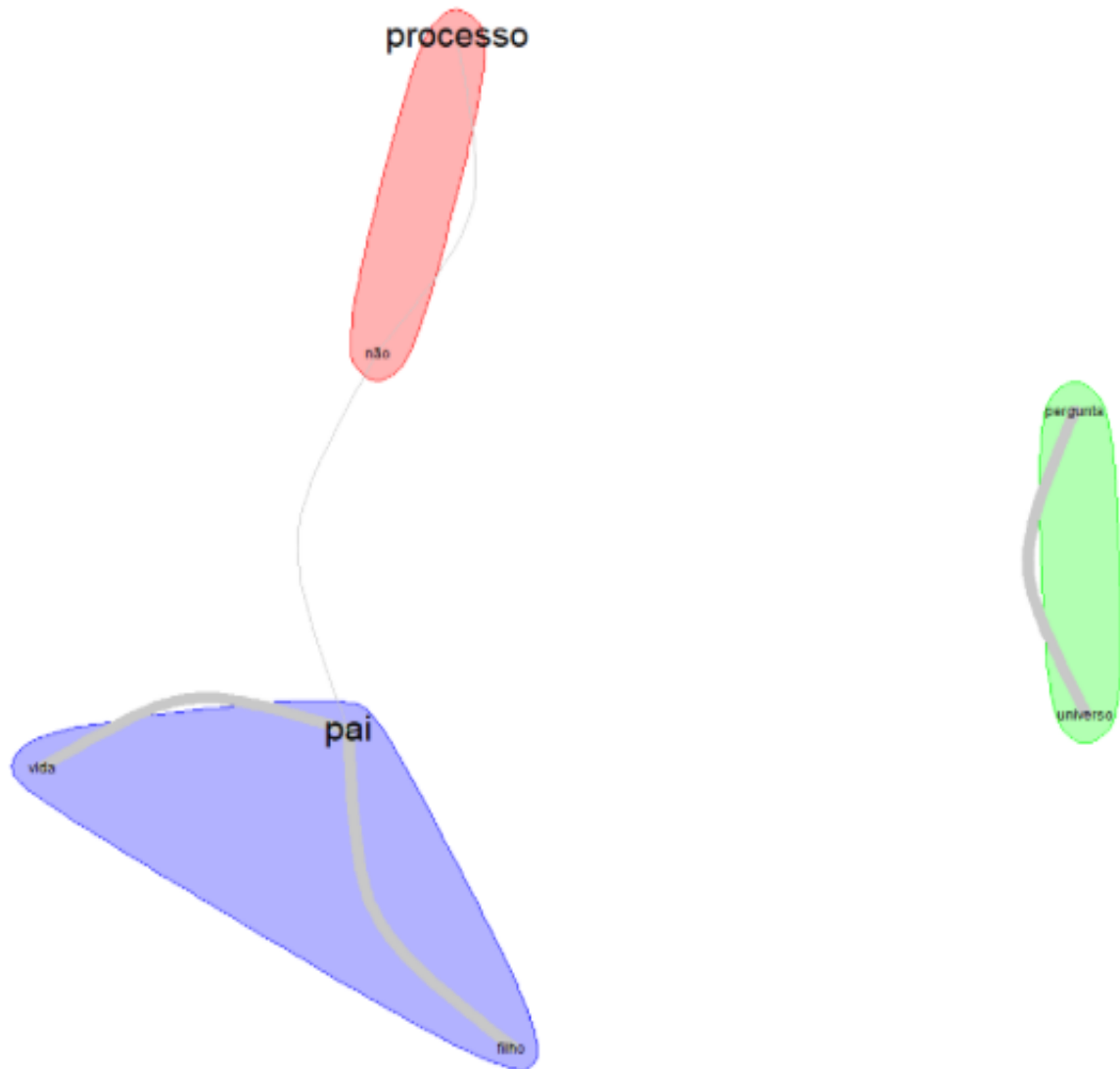


Através da análise da nuvem de palavras (**Figura 2**) é possível perceber que há uma correlação das palavras em maior evidência. A palavra “mulher” está relacionada à comunidade, família e sustento. Sendo assim, constatou-se entre as falas das famílias que o sustento é proveniente das mulheres, uma vez que elas buscam contar com o suporte social da comunidade e da família para ajudar no cuidado com os filhos enquanto pode ir ao trabalho, conforme se pode notar na fala abaixo:

A gente tem uma questão na comunidade onde as mulheres elas são figura de referência para suas famílias [...] é ela que pauta, ela que organiza as relações da casa, ela que organiza as tarefas domésticas, e na maioria das vezes, ela que busca o sustento para que tudo isso aconteça. (Fala de especialista).

Portanto, a análise do conteúdo por meio da nuvem de palavras foi necessária para identificar fatos significativos, posto que apresentou dados relevantes acerca do conteúdo analisado. Nesse sentido, ideias expressas pelas palavras indicadas na nuvem (**Figura 2**) apontam desafios para consolidação da mulher no mercado de trabalho, bem como o suporte dentro da própria comunidade e da família.

**Figura 3** – Similitude referente à categoria afeto do Documentário “O Começo da Vida” (2016).



Fonte: autoria própria.

Percebeu-se por meio da análise de similitude (**Figura 3**) que a palavra “pai” está relacionada à “vida” e a “filho”, uma vez que o processo de ser pai correlaciona-se com o crescimento civil, social e cultural devido às interações que possuem com a criança. De modo que resulta em um desenvolvimento essencial não só para os filhos, mas também para a comunidade, como pode ser conferido abaixo:

[...] É esse amor, essa interação com os pais e a capacidade de ficar com a criança e fazer o que é melhor para ela [...]. Nesse processo, o importante é que os pais são pais do próprio filho, mas também se tornam pais que conseguem cuidar, se ocupar e se interessar pelas outras crianças, pela classe em que o filho estuda, pela escola e pela cidade. (Fala de especialista).

Dessa forma, foi possível observar através da análise da **Figura 3** que o processo envolvido no papel de figura paterna vai além da preocupação com o próprio filho, uma vez que se encontra em um processo de crescimento. Ademais, pode-se notar que o sentimento do afeto é essencial nas relações, principalmente no âmbito familiar (LUCA; ZERBINI, 2015).

Entende-se que o desenvolvimento pleno e saudável das crianças é possibilitado pela cooperação dos familiares ou seus cuidadores, fornecendo-lhes apoio e segurança para todas as suas necessidades, sendo elas físicas ou psicológicas (BERTHOUD, 2003).

Diante do exposto, percebe-se o impacto que o abandono emocional na infância pode provocar na vida do sujeito, principalmente na criança, que de acordo com Bowlby (2002), quando o cuidador não oferece os cuidados com afetividade e atenção, ela vivencia uma privação parcial.

Assim, tal privação pode causar excessivas exigências de amor, sentimentos de aflição e vingança, subsequentes de culpa e depressão, que podem variar de acordo com a intensidade e o grau de privação e, ainda de acordo com o autor, a negligência nas funções maternas e paternas podem resultar também em consequências físicas para as crianças, como as mudanças no apetite e conseqüentemente a perda ou aumento de peso.

Ademais é perceptível também a importância de compreender o desenvolvimento infantil, muitas vezes, como fator determinante nos modelos de relações afetivas que o indivíduo desenvolve em sua vida. Sendo assim, a criação

de um clima emocional seguro e confiável é fundamental para o crescimento do indivíduo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental discutir sobre a importância do desenvolvimento do apego na infância, bem como os aspectos positivos e negativos consequentes. Essa pesquisa possibilitou perceber quais são os elementos ligados ao abandono emocional infantil e suas consequências, por meio da descrição das principais características da teoria do apego e sua relação com o desenvolvimento das crianças.

No documentário analisado, concluiu-se que as mulheres são figuras de referência para suas famílias, uma vez que elas organizam as relações dentro de casa e as tarefas domésticas. A maioria das mulheres entrevistadas, especialmente as que vivem nas comunidades, busca o sustento financeiro para possibilitar melhor qualidade de vida para a família.

Durante a procura do material a ser analisado, foi observada uma escassez de recursos audiovisuais que tratem sobre o tema em questão, especialmente no Brasil. Tal fato acaba dificultando a realização das análises dos relatos de sujeitos que vivenciaram o abandono afetivo familiar, visto que o material existente atualmente não é o suficiente.

Portanto, é importante incentivar o desenvolvimento de pesquisas no campo do abandono afetivo para que suas consequências sejam mais facilmente reconhecidas e evitadas, pois o que se percebe atualmente é o destaque destinado as implicações envolvidas no abandono físico, o que também é de suma importância, entretanto, o comprometimento da saúde emocional do sujeito que vivencia uma negligência dessa natureza não é tão analisada.

Além disso, é necessário que se intensifique cada vez mais a valorização da infância enquanto período determinante no desenvolvimento de relações e modelos de funcionamento da personalidade humana.

Conclui-se que a partir desse estudo são necessárias mais pesquisas e intervenções na área, uma vez que é de grande relevância social e contribui para uma conscientização da sociedade em relação à visibilidade dessas famílias. Além disso, é importante que haja políticas públicas educacionais para que as crianças tenham a garantia de acesso à escola, como é visto na série documental “O Começo da Vida” a exemplo da cidade de Reggio da Emilia, localizada na Itália.

O modelo educacional dessa província é um dos sistemas de educação infantil mais bem-sucedidas a nível mundial, tendo como diferencial pensar nas crianças como sujeitos tomados de competências e perspectivas para o futuro, no qual constrói, desde o começo da vida, entendimento, cultura e sua própria individualidade, facilitando assim para as famílias a inserção no mercado de trabalho e a busca pelo sustento dos filhos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, J.P. et al. História da saúde da criança: conquistas, políticas e perspectivas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 6, p. 1000-1007, nov/dez. 2014.

ARAÚJO, T.W. **Nas brechas do sistema**: uma leitura da obra do psicanalista Ronald Fairbairn. Tese de Doutorado em Psicologia Experimental - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BARROS, P.M.; HAZIN, I. Avaliação das funções executivas na infância: revisão dos conceitos e instrumentos. **Psicologia em Pesquisa**, v. 7, n. 1, p. 13-22, jun. 2013.

BERNARTT, R.M. A infância a partir de um olhar sócio-histórico. 2009. Disponível em:  
<[http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/226.%20a%20inf%C2ncia%20a%20partir%20de%20um%20olhar%20s%D3cio-hist%D3rico.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/226.%20a%20inf%C2ncia%20a%20partir%20de%20um%20olhar%20s%D3cio-hist%D3rico.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2019.

BIANCHESSI, S.S.R. **O impacto do divórcio nas crianças e adolescentes**: consequências psicológicas. Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga, out. 2013. Disponível em: <<http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/343>> Acesso em: 4 abr. 2019.

BRANDÃO, E.M.; BAPTISTA, M.N. Alienação Parental: revisão integrativa e construção de um instrumento de rastreamento. **Psicologia Argumento**, v. 34, n. 84, p. 65-75, jan/mar. 2016.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Alagoas, 2010. Disponível em: <<http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/ECA%20ATUALIZADO.pdf/view>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

BUJES, M.I.E. Artes de governar a infância: linguagem e naturalização da criança na abordagem de educação infantil da Reggio Emília. **Educação em Revista**, n. 48, p. 101-123, dez. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982008000200006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982008000200006&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20 abr. 2019.

CALAÇA, M.B.; COSTA, G.S. **Impactos do abandono materno no desenvolvimento infantil**: uma revisão de literatura. 2017. Disponível em: <[http://www.convibra.org/upload/paper/2017/75/2017\\_75\\_13867.pdf](http://www.convibra.org/upload/paper/2017/75/2017_75_13867.pdf)>. Acesso em: 27 mar. 2019.

CAMARGO, B.V.; JUSTO, A.M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013.

CARMO, A.C.V.; SILVA, R.V.L.D.; TOKUDA, A.M.P. O desenvolvimento emocional na perspectiva winnicottiana: reflexões sobre a influência da tecnologia. **Revista Conexão Eletrônica**, v. 13, n. 1, 2016.

CRUZ, G.A.; SARAT, M. História da infância no Brasil: contribuições do processo civilizador. **Educação e Fronteiras**, v. 5, n. 13, p. 19-33, maio. 2016.

CUNHA, C.L.N. **A responsabilização da família no cuidado de seus membros**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, out. 2017. Disponível em: <[https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/180115/102\\_00086.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/180115/102_00086.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 27 mar. 2019.

DALBEM, J.X.; DELL'AGLIO, D.D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005.

LUCA, G.D.; ZERBINI, M.S. Abandono afetivo e o dever de indenizar. **Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM**, v. 8, n. 1, p. 171-191, nov. 2015.

DEMENECH, F. **Famílias**: diferentes concepções históricas. Universidade Estadual de Campinas, set. 2013. Disponível em: <[https://www.sudeste2013.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1366661515\\_ARQUIVO\\_DEMENECH,2013UNICAMP.pdf](https://www.sudeste2013.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1366661515_ARQUIVO_DEMENECH,2013UNICAMP.pdf)>. Acesso em: 4 abr. 2019.

DIAS, A. et al. Aleitamento materno no primeiro ano de vida: prevalência, fatores protetores e de abandono. **Acta Pediátrica Portuguesa**. Portugal, 2013. Disponível em: <<https://actapediatrica.spp.pt/article/view/2719>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

DIAS, N.M.; SEABRA, A.G. Funções executivas: desenvolvimento e intervenção. **Temas sobre Desenvolvimento**. jan. 2013. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/281177320\\_funcoes\\_executivas\\_desenvolvimento\\_e\\_intervencao](https://www.researchgate.net/publication/281177320_funcoes_executivas_desenvolvimento_e_intervencao)>. Acesso em: 4 abr. 2019.

DINIZ, I.A.; ASSIS, M.O.; SOUZA, M.F.S. Crianças Institucionalizadas: Um olhar para o desenvolvimento socioafetivo. **Revista de Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 5, jan./jun. 2018.

EGRY, E.Y. et al. Compreendendo a negligência infantil na perspectiva de gênero: estudo em um município brasileiro. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 49, n. 4, p. 556-563, 2015.

ESTEVEZ, A. et al. The role of emotional dependence in the relationship between attachment and impulsive behavior. **Annals of psychology**, v. 34, n. 3, p. 438-445, out. 2018.

FEIJO, L.P.; OLIVEIRA, D.S. Privações afetivas e relações de vínculo: psicoterapia de uma criança institucionalizada. **Contextos Clínicos**, v. 9, n. 1, p. 72-85, jun. 2016.

GRANATO, T.M.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais. **Psicologia Clínica**, v. 25, n. 1, p. 17-35, jan/jun. 2013.



GUZMAN-GONZALEZ, M. et al. Estilos de apego y dificultades de regulación emocional en estudiantes universitarios attachment styles and emotional regulation difficulties among university students. **Psyke**, v. 25, n. 1, p. 1-13, maio. 2016.

KERNS, K.A. et al. **Assessing Attachment in Middle Childhood**. New York: Guilford Press. 2005. Disponível em: < <https://psycnet.apa.org/record/2005-09266-003>>. Acesso em: 4 abr. 2019.

MARTINEZ-ALVAREZ, J. et al. Vínculos afectivos en la infancia y calidad en las relaciones de pareja de jóvenes adultos: el efecto mediador del apego actual. **Anales de Psicología**, v. 30, n. 1, p. 211-220, jan. 2014.

MEIRELES, I.O.; LIMA, F.F.L.C. O luto na fase adulta: um estudo sobre a relação apego e perda na teoria de John Bowlby. **Revista Ciências Humanas - Educação e Desenvolvimento Humano**, 16. ed., v. 9, n. 1, p. 92-105, jun. 2016.

MELO, O.; MOTA, C.P. Apego romântico e bem-estar dos jovens em diferentes configurações familiares. **Psicologia em Estudo**, v. 18, n. 4, p. 587-597, dez. 2013.

MELO, O.; MOTA, C.P. Interparental conflicts and the development of psychopathology in adolescents and young adults. **Paidéia**, v. 24, n. 59, p. 283-293, dez. 2014.

MINAYO, M.C.S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 01-12, abr. 2017.

MOTA, C.P.; MATOS, P.M. Conflitos interparentais e individuação em jovens adultos portugueses: papel dos conflitos de lealdade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29 n. 3, p. 267-276, jul/set. 2013.

MOURA, E.R.B.B. et al. Investigação dos fatores sociais que interferem na duração do aleitamento materno exclusivo. **Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 8, n. 2, p. 94-116, jun. 2015.

NETO, O.F. As principais contribuições de Winnicott à prática clínica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 42, n. 1, p. 82-88, mar. 2008.

OLIVEIRA, A.A.S.; TRANCOSO, A.E.R. Processo de produção psicossocial de conceitos: infância, juventude e cultura. **Psicologia e Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 18-27, 2014.

PAPALIA, D.E. **Desenvolvimento humano**. 8. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

PEREIRA, A.M.L.; LIMA, L.D.S.C. A desvalorização da mulher no mercado de trabalho. **Revista Eletrônica: Organizações e Sociedade**, v. 6, n. 5, p. 133-148, jan/jun. 2017.

PEREIRA, M.G.; FERREIRA, G.; PAREDES, A.C. Apego aos pais, relações românticas, estilo de vida, saúde física e mental em universitários. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 4, p. 762-771, dez. 2013.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. Petrópolis: Vozes, 1971.

PRETTE, Z.A.P.D.; PRETTE, A.D. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

REGINATTO, R. A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem. **Revista de Educação Do Ideau**, v. 8, n. 18, jul/dez. 2013.

RODRIGUES, F.L. Uma breve história sobre o cinema documentário brasileiro. **CES Revista**, v.24, n.1, p. 61-73, abr. 2010.

RODRIGUES, L.; HENNIGEN, I. Visibilidades da adoção: interrogando estratégias e práticas sociais. **Psicologia Argumento**, v. 32, n. 76, p. 93-103, jan/mar. 2014.

SALLES, J.F. et al. Análise Fatorial Confirmatória do Instrumento de Avaliação Neuropsicológica Breve Infantil. **Revista Psico-USF**, v. 19, n. 1, p. 119-130, jan/abr. 2014.

SALVIATI, M.E. **Manual do aplicativo iramuteq**: (versão 0.7 Alpha 2 e R Versão 3.2.3). Planaltina, 2017. Disponível em: <<http://iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati>>. Acesso em: 01 maio. 2019.

SCHOR, D. **Heranças invisíveis do abandono afetivo**: um estudo psicanalítico sobre as dimensões da experiência traumática. Tese de Doutorado em Psicologia Experimental - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SILVA, J.R. et al. Desenvolvimento humano nas perspectivas de Piaget e Vygotsky. **EDUCERE - Revista da Educação da UNIPAR**, v. 15, n. 1, p. 73-90, jan/jun. 2015.

SILVA, P.S. et al. Diferentes configurações familiares de candidatos à adoção: Implicações para os processos de habilitação. **Estudos de Psicologia**. v. 22, n. 4, p. 412-421, out/dez. 2017.

SIMÕES, S.C.C. et al. Predição do apego de crianças em função do estilo educativo materno e do tipo de família. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 1 p. 168-176, 2013.

SOUSA, A.K.S. Abandono afetivo. **Revista Virtù: Direito e Humanismo**, v. 1, n. 19, set/dez. 2016.

STOCKER, C. et al. A implicação do divórcio emocional no processo da alienação parental. **Akrópolis - Revista De Ciências Humanas da UNIPAR**, v. 22, n. 2, p. 139-152, jul/dez. 2014.

WAINER, R. et al. **Terapia Cognitiva Focada em Esquemas**: Integração em Psicoterapia. 1. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2015.

WEISHAUPT, G.C.; SARTORI, G.L.Z. Consequências do abandono afetivo paterno e a (in) efetividade da indenização. **Revista Perspectiva**, v. 38, n. 142, p. 17-28, jun. 2014.